



ENTREVISTA

"NÃO SE TRATA DE TOMAR POSIÇÃO"

JOÃO PEDRO QUESADO (ENTREVISTA)

O CORPO NACIONAL DE ESCUTAS LANÇOU, EM OUTUBRO DE 2020, O PROJECTO ENTRE LINHAS. A INTENÇÃO FOI A DE "OLHAR A SEXUALIDADE HUMANA, TENDO EM CONTA DIMENSÕES COMO A NATUREZA, CULTURA E LIBERDADE". DEPOIS DE UMA FASE ALONGADA DE ESCUTA, O GRUPO DE REFLEXÃO ESTÁ A JUNTAR TODAS AS 'PONTAS'. O IGREJA VIVA FALOU COM O PADRE LUÍS MARINHO, ASSISTENTE NACIONAL DO CNE, PARA SABER O QUE JÁ FOI POSSÍVEL PERCEBER AO OUVIR OS JOVENS ESCUTEIROS.

[Igreja Viva] O que é que despoleta o surgimento do projecto Entre Linhas?

[Pe. Luís Marinho] Foi a constatação de que há um conjunto de assuntos que havia grande dificuldade em abordar de frente. O programa educativo do CNE tem seis áreas, e uma das áreas é a afectiva. De alguma maneira devemos trabalhar explicitamente esta dimensão do desenvolvimento integral de crianças e jovens, de todas as pessoas. Diante de um conjunto de assuntos que vemos hoje discutidos, difundidos, que fazem parte do quotidiano da nossa sociedade, sentimos que havia uma grande dificuldade de os abordar. Porquê? Por um lado, porque a dimensão da afectividade, da sexualidade, envolve, justamente, um aspecto da intimidade pessoal onde claramente é preciso um respeito e um cuidado na sua abordagem, mas, por outro lado, porque fomos vendo que, pelo facto de sermos católicos, se calhar muitos dirigentes do CNE tinham dificuldade em abordar até ao fim este tema pelo medo de se sentir que isto ultrapassava o âmbito de uma compreensão cristã da afectividade. E ainda porque bem se vê no contexto actual que à volta deste assunto há considerações fortemente polarizadas, que são tomadas como que reféns de considerações político-ideológicas,

âmbito mais de uma batalha do que de um aprofundamento. Para além disso, porque sendo o CNE um movimento católico educativo, parecia-nos absolutamente necessário que pudéssemos acompanhar as nossas crianças e jovens no seu desenvolvimento, e portanto não podiam ficar aqui zonas que nós não fôssemos capazes de acompanhar. Não se trata de tomar posição, mas trata-se de interagir com as crianças e jovens para que também este tema seja integrado neste tal desenvolvimento da pessoa no seu todo. Finalmente, porque achamos que a perspectiva cristã sobre a pessoa humana é capaz de ser fonte de vida, fonte de luz para a vida, e, pelo contrário, sentíamos que ela vista como um impedimento deste desenvolvimento integral... Pela maneira como é recebida, como é compreendida, é sobretudo visto como um impedimento à realização plena da pessoa, e isso preocupa-me.

[Igreja Viva] O Entre Linhas pode ser uma forma, então, do CNE ultrapassar esse impedimento?

[Pe. Luís Marinho] Sim. A educação é como, digamos, a agricultura... Não há terrenos neutros. No terreno onde não se semeia nada, cresce todo o tipo de coisas, todo o tipo de ervas. É indispensável que também

nesta dimensão da pessoa humana haja uma reflexão cristã capaz de ajudar as pessoas a crescerem integralmente.

[Igreja Viva] Como é que evitam a 'batalha' de que falou e seguem pela via do aprofundamento?

[Pe. Luís Marinho] Nós quisemos, no âmbito deste projecto, convocar o máximo possível de olhares científicos, das diversas ciências que podem trazer luz sobre este assunto, e também o máximo de mundividades, de sensibilidades diferentes. Sentimos, ao longo deste tempo, o quanto é necessário criar estes espaços onde se pode convocar diversas sensibilidades, mundividades, áreas científicas, para que este aprofundamento aconteça, para que se compreendam as razões do outro, para que se possa colher um bocadinho os principais dados que a evolução da sociedade, da investigação científica, do ensino, da política, do direi-



© FLOR DE LIS/MANUEL JOAQUIM

to, da psicologia recolhem e saber como estão a trabalhar, como é que estão a olhar para este assunto.

[Igreja Viva] E como é que desenvolvem esse aprofundamento no terreno?

[Pe. Luís Marinho] Uma das etapas importantes deste projecto tem sido a escuta. E a escuta desenvolveu-se de diversas maneiras. Por um lado, com encontros desta equipa que forma o projecto Entre Linhas, com convidados externos, das diversas áreas científicas. Fizemos várias sessões, ao todo foram 13 especialistas que fomos escutando em sessões agrupadas por temas. Isto durante o último ano e meio. Este foi um aspecto muito importante da escuta, onde a teologia moral e a reflexão antropológica esteve bem presente. Por outro lado, fizemos a escuta dos jovens, principalmente de duas formas. Uma delas foi um encontro que fizemos em Vagos, em Outu-

bro passado, com 15 jovens dirigentes – até ao 32, 33, 34 anos –, e 16 caminheiros – que estão entre os 18 e os 22 anos. Foi um fim-de-semana de escuta, não tanto de diálogo mas através de métodos diferentes procuramos que eles, separadamente, exprimissem a sua visão sobre este assunto, sobre diversos tópicos deste assunto. Outra forma foi um pequeno formulário que disponibilizámos, onde quem quisesse podia dar livremente o seu contributo para esta reflexão. Tivemos na ordem das 100 respostas a este questionário. Há ainda uma outra dimensão deste processo, que é a procura de diálogos vários dentro do CNE, com as várias instâncias do CNE, onde se foi apresentando o projecto, partilhando o que queremos fazer, o que estamos a fazer, aonde queremos chegar.

[Igreja Viva] Falou daquele encontro em Vagos. Os que é que os jovens disseram aí, de que



ID: 99935213

30-06-2022 | Igrejas



Constato o imenso risco da proposta eclesial (...) sobre este assunto, se tornar totalmente irrelevante e não contar na definição dos projectos e dos estilos de vida pela sua não compreensão, por um lado, e por outro lado por um grande desconhecimento.

temas e preocupações falaram? **[Pe. Luís Marinho]** Por um lado, evidenciou-se como estes jovens são expressão do mundo de hoje na sua total diversidade e complexidade. Todos os temas de que hoje se fala em discursos académicos, políticos, na comunicação social, desde a questão da homossexualidade à questão genérica das identidades, sobre a percepção da vivência da afectividade, da sexualidade, no mundo de hoje, tão feita de ideias e de estilos muito diferentes... Constato, sobretudo, o imenso risco de a proposta eclesial, da fé cristã, da comunidade cristã, sobre este assunto, se tornar totalmente irrelevante e não contar na definição dos projectos e dos estilos de vida pela sua não compreensão, por um lado, e por outro lado por um grande desconhecimento – quais são as linhas de fundo do que seja uma proposta cristã de uma vida feliz, que integre a dimensão da afectividade e da sexualidade num projecto de vida. A proposta da Igreja é vista muitas vezes como algo retrógrado, desactualizado e um impedimento para uma vida feliz. No fundo é isto que se constata, e não é estranho, porque os nossos escuteiros são jovens deste tempo, e vêm a sociedade como ela é, com todas as suas tensões e contradições. O que achamos relevante é a importância de os ouvir, de levar a sério a sua voz para que a nossa proposta educativa realmente possa interagir, ou então são dois mundos que se cruzam, mas não se tocam e, sobretudo, não se interagem. Para além de que a linguagem usada hoje em dia neste campo é bastante polissémica, ou porventura até equívoca. É difícil de conceptualizar. Isto é uma dificuldade imensa, porque estamos a falar e, muitas vezes, não sabemos do que estamos a falar. Usando palavras diferentes para nos referirmos à mesma realidade, o que cria uma confusão bastante grande. Cria uma barreira de comunicação imensa, que é muito mais que linguística, é relacional, porque a relação acaba por não acontecer. Este tópico tornou-se muito relevante.

[Igreja Viva] Falou desta fase de escuta...

[Pe. Luís Marinho] Sim, a fase de escuta alargada terminou, mas estamos numa fase de

diálogo.

[Igreja Viva] Não são fases estanques, portanto.

[Pe. Luís Marinho] Não são, agora estamos a procurar uma síntese que nos permita um diálogo estruturado dentro do CNE, dentro da Igreja e dentro da sociedade onde nos inserimos. Portanto a escuta ainda não acabou, porque este diálogo ainda é um tempo de nos pormos à escuta, mas de uma maneira um bocado mais interventiva e mais direccionada. Não vai haver propriamente uma assembleia de discussão ou de decisão, mas vai haver vários encontros de diálogo. Temos aqui uma síntese, o que é que entendemos por ela? O que é que pode ser mais claro? Falta alguma coisa?

[Igreja Viva] E depois disso?

[Pe. Luís Marinho] Não exactamente depois, mas simultaneamente, vamos delinear as consequências disto. As consequências para nós são a vários níveis. O primeiro é no âmbito da formação dos nossos dirigentes, desde a formação inicial à formação contínua e especializada. Gostaríamos de organizar, por todo o país, encontros com os responsáveis de formação, directores de formação, para trabalharmos especificamente isto com eles. Eles serão um pouco os protagonistas que, em cada diocese, dão a formação. Gostaríamos, ainda, de propor um conjunto de actividades para jovens, para que os dirigentes das diversas secções as desenvolvam na sua relação com os escuteiros. É muito importante porque, no CNE, a acção educativa acontece em cada agrupamento, em cada unidade, na relação das crianças e jovens com os seus dirigentes, e nós não temos propriamente um programa, um conjunto de conteúdos que temos que transmitir, mas temos objectivos, e gostaríamos de disponibilizar propostas de actividades para que os dirigentes as utilizassem, segundo a sua conveniência e o desenrolar do ano. Um pouco mais adiante, queríamos fazer um seminário nacional, aberto a quem quiser estar presente, para partilharmos o percurso que temos feito.

[Igreja Viva] Há um fim para este processo? Ele acaba em al-

guma altura, ou há sempre escuta a fazer?

[Pe. Luís Marinho] O método escutista põe no seu centro a criança e o jovem como protagonista da sua própria história. Baden Powell colocava a dimensão da escuta no centro do método, porque compreendeu bem que não se trata de uma transmissão de um conjunto de conteúdos educativos, trata-se de um processo de crescimento, de desenvolvimento, de delinear um projecto de vida onde isto não se pode fazer e não tem sentido fazer-se sem escuta. A escuta e as decisões, porque claramente no método escutista o 'ask the boy' não é só para definir qual é a actividade que vamos fazer, mas é para responsabilizar, colocar no centro da sua própria educação e crescimento do rapaz e a rapariga. Isto é interessante até do ponto de vista desta dimensão sinodal da Igreja que estamos a viver e a aprofundar. Como já ficou bem claro, não se trata simplesmente de um método, trata-se de um modo de ser da Igreja, onde pôr-se à escuta da voz de cada pessoa é parte integrante do processo de evangelização – melhor dizendo, do processo de relação com Cristo e com a comunidade. Espero que isto não acabe, mas que prossiga, porque ajuda-nos a tomar melhor consciência da identidade cristã. Esse é que é o ponto. Essa identidade não é simplesmente um conjunto de coisas pré-definidas às quais aderimos, mas é precisamente este processo relacional, que tem Cristo, a comunidade e cada pessoa no centro. Isto é fundamental até para compreender a questão da afectividade e da sexualidade. Tudo isto acontece quando a pessoa reconhece que a sua identidade não é fruto apenas da sua vontade, mas, como diz o Papa Francisco, da resposta à pergunta 'para quem é a minha vida?'. Como dizia um teólogo, a nossa liberdade é menos de criação e mais de consentimento. Talvez hoje em dia resida aqui um dos equívocos, quando se diz que cada um é o que quiser ser, que se anda à procura do 'verdadeiro eu'. A identidade cristã é encontrar esse 'verdadeiro eu' na relação, não por um processo individual de meditação ou de consideração da tua vida. A afectividade entra neste dinamismo, de para quem é a nossa vida.



© FLOR DE LIS/MANUEL JOAQUIM



QUINTA-FEIRA / 30 DE JUNHO / 2022 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



IGREJA *Viva*



ENTREVISTA

"A PROPOSTA DA IGREJA É VISTA MUITAS VEZES COMO ALGO RETRÓGRADO"

PE. LUÍS MARINHO
ASSISTENTE NACIONAL DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

P. 04-05

Este suplemento faz parte integrante da edição n.º 372/22 do Diário do Minho. Não pode ser vendido separadamente.